

A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer*

Ana Carolina de Sousa**

Letícia Jovelina Storto***

Resumo: A biblioteca é indiscutivelmente espaço de incentivo à leitura, mas nem sempre de ensino e aprendizagem da leitura. É nesse sentido que elaboramos uma proposta de intervenção didática destinada aos profissionais que atuam em bibliotecas (orientadores de atividades), para o desenvolvimento da prática discursiva da leitura, de crianças de 10 a 12 anos de idade. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar a referida proposta, a qual tomou o conto maravilhoso como eixo organizador e foi constituída pela metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura. O aporte teórico-metodológico centra-se nos preceitos da perspectiva interacionista de leitura.

Palavras-chave: Leitura; Leitura na biblioteca; Perguntas de leitura; Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura.

THE LIBRARY AS A TEACHING AND LEARNING SPACE FOR READING: A DIDACTIC PROPOSAL

Abstract: The library is unquestionably a space to encourage reading, but not always to teach and learn reading. It is in this sense that we have elaborated a proposal of didactic intervention intended to professionals who work in libraries (activities advisors), for the development of the discursive practice of reading of children from 10 to 12 years. In this sense, this work aims to present this proposal, which took the marvelous tale as its organizing axis and was constituted by the methodology of ordering and sequencing of reading questions. The theoretical-methodological contribution focuses on the precepts of the interactionist perspective of reading.

Keywords: Reading; Reading in the library; Reading questions; Ordering and sequencing of reading questions.

1. Introdução

As bibliotecas públicas são, indiscutivelmente, um espaço de incentivo à leitura, uma vez que possibilitam às pessoas, de qualquer idade e classe econômica, acesso a livros. Esse é mesmo o significado da palavra biblioteca: “1. Coleção de livros, documentos e periódicos, pública (ger. aberta a consulta do público) ou particular; 2. Edifício, sala ou conjunto de salas onde fica instalada e catalogada essa coleção, para consulta ou para empréstimo ao público [...]” (AULETE, 2020, s/p). Contudo, aos poucos esses espaços têm adquirido ressignificações. Cada vez mais são realizadas

ações como organização e oferta de rodas de leitura e discussão de obras, oficinas de produção textual, contação de histórias, palestras com escritores, cursos de curta duração ministrados por professores, projetos de integração da biblioteca com os programas curriculares de escolas favorecendo o processo de ensino e de aprendizagem, sobretudo, da leitura.

Nesse sentido, nossa premissa é a de que é importante que o profissional que atua nesse contexto tenha formação e ferramentas para que muito mais do que organizar e orientar os livros possa contribuir para a formação de leitores. Assim, a partir da experiência profissional de uma das autoras deste capítulo, que é orientadora de atividade¹ em uma biblioteca pública, elaboramos um projeto de leitura, destinado a crianças entre 10 a 12 anos de idade. Portanto, este estudo tem como objetivo apresentar uma proposta de intervenção didática, destinada ao ensino da leitura em contexto de biblioteca.

Para a construção da proposta, sustentamo-nos nos princípios teóricos do Círculo de Bakhtin² na concepção de que toda palavra procede de alguém e se dirige para alguém, servindo de “expressão a ‘um’ em relação ao ‘outro’” (VOLÓCHINOV, 2018, p.205). Nesse sentido, o texto é lugar de diálogo entre o autor/falante e o leitor/ouvinte. E para construção dos procedimentos didáticos, alicerçamo-nos nos estudos de Solé (1998), Menegassi (2010) e Fuza e Menegassi (2017; 2018) sobre ordenação e sequenciação de perguntas de leitura. Sobretudo, norteamo-nos nas assertivas e resultados de pesquisas realizadas por esses autores, as quais demonstram que a metodologia centrada na elaboração de perguntas de leitura em sala de aula são instrumentos que possibilitam a formação de alunos leitores. Assim, buscamos expandir o tratamento para o contexto de biblioteca.

A referida proposta interventiva é parte integrante da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* de Cornélio Procópio e foi implementada em uma biblioteca pública de uma cidade da região norte do Paraná. Contudo, reiteremos, este artigo tem o objetivo de apresentar a proposta interventiva.

2. A leitura na perspectiva dialógica da linguagem

De acordo com Bakhtin (2003, p. 270), o locutor/autor e o receptor/leitor não podem ser vistos isoladamente, uma vez que são partes constitutivas da comunicação verbal. Isso porque “todo enunciado [...] leva em conta um ouvinte, isto é, sua compreensão e resposta, sua concordância e discordância, em outras palavras, a percepção avaliativa do ouvinte” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 273). Logo, no processamento da leitura, o leitor participa não só do momento da recepção do texto, pois é parte constitutiva da produção, uma vez que o autor sempre espera ser compreendido pelo leitor, e por isso elabora seu texto utilizando-se de recursos discursivo-linguísticos que promovam que o interlocutor dê continuidade ao diálogo. Assim, os sentidos não estão todos prontos e acabados no texto, são construídos em diálogo e consideração aos conhecimentos, experiências, valores que autor e leitor têm, em uma arena de confrontação. Segundo Volóchinov (2018, p. 140), toda palavra é uma arena, ou seja, “é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate”, em complemento “é um produto da interação viva das forças sociais” (p. 140).

Em decorrência desses aspectos, explica Bakhtin (2019, p. 25) que “toda compreensão plena real e ativamente responsiva não é senão uma fase inicial preparatória da resposta”. Em decorrência, o autor não espera apenas a compreensão, que é a primeira etapa do processo na realidade da comunicação, e tão pouco a dublagem ou a reprodução de seus pensamentos e ideias “em uma voz alheia”. O autor espera “uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc” a seu discurso (BAKHTIN, 2019, p. 26). O que se justifica diante do fato de que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva”, conforme defende Bakhtin (2019, p. 25).

A leitura é, portanto, um diálogo que se realiza por meio do texto (LEFFA, 1999). Nesse diálogo, o leitor, sujeito ativo, interage com o texto, busca nele as “pistas” construídas pelo autor; chega à compreensão. Em seguida, analisa, reflete e emite um juízo de valor; chega à interpretação. Então, concorda ou discorda, completa, implementa, usa as ideias do autor, ou seja, tem uma atitude responsiva ativa. O sentido é construído nessa interação entre autor e leitor por meio do texto, o que está representado em forma de uma metáfora construída por Geraldini (1991, p.166):

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as

pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história – se o fossem, a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o, substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado. É o encontro destes fios que produz a cadeia de leituras construindo os sentidos de um texto.

Logo, os sentidos de um texto são construídos em cada nova interação, porque estão ligados as intenções do autor, em suas escolhas, nos elementos contextuais que formam as condições de produção de cada, os quais estão marcados nos “fios” do texto. Ao mesmo tempo, os sentidos estão ligados ao leitor que extrai informações “tomando os fios” do texto. Por tudo isso o “bordado é o mesmo”. Mas o leitor também atribui sentidos ao texto a partir de sua “própria história”, assim, sem “mãos amarradas” pode “tecer” “outro bordado”, o novo texto. Isso porque os gêneros do discurso, concretizados em textos, “são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2019, p. 20).

É em vista de levar o leitor a saber construir sentidos aos textos, por meio de ações sistematizadas e didáticas, que se constitui a metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura.

3. Perguntas de leitura

De acordo com Solé (1998), o trabalho com a elaboração de perguntas antes, durante e depois da leitura de um texto é muito relevante para o processo de desenvolvimento do leitor na escola. Essa assertiva é ampliada por Menegassi (2010; 2011) e Fuza e Menegassi (2017; 2018) na proposição de uma metodologia denominada, pelos autores, de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura.

Norteados pela perspectiva dialógica de linguagem, Menegassi (2010) defende que na leitura de um texto, sempre e indiscutivelmente, “autor e leitor são sujeitos ativos que dialogam, que se constroem e são construídos no texto” (p. 175). Em contexto de ensino e de aprendizagem, o papel do professor é de mediador desse

diálogo, o que pode ser realizado com a construção de perguntas de leitura. Para Fuza e Menegassi (2017, p. 278),

[...] a ordenação das perguntas permite que o leitor perpassasse o texto, atribua significados a ele até chegar a sentidos possíveis para aquilo que lê. Logo, a leitura realmente é constituída por etapas, caracterizando um processo de trabalho, no qual o professor atua como mediador, instrumentalizando-se a fim de promover a participação e o desenvolvimento do aluno frente ao texto.

Assim, primeiro, são oferecidas ao leitor as perguntas pré-leitura, isto é, aquelas realizadas antes da leitura propriamente dita do texto em abordagem. Fazer previsões, refutá-las ou confirmá-las são ações importantes para o processo e acontecem em um movimento de pré-leitura, leitura e após a leitura (SOLE, 1998; MENEGASSI, 2010; 2011; FUZA; MENEGASSI, 2017; 2018). Essas previsões no pré-leitura são a base para a ativação do conhecimento prévio do leitor, pois durante a leitura acontecerão as confirmações ou retificações das previsões.

Ativar os conhecimentos prévios relaciona-se também a começar a apresentar ao leitor o conteúdo temático que será tratado na interação, a fim de que se possa trazer à tona o que o leitor sabe sobre o tema, quais suas opiniões a respeito, sua percepção avaliativa (VOLÓCHINOV, 2019). É a entrada do leitor na arena de conflitos (BAKHTIN, 2019) e a preparação das mãos para tecer o bordado com novos fios (GERALDI, 1991).

Para o momento da leitura do texto propriamente dito, ou o chamado durante a leitura, Fuza e Menegassi (2017; 2018) indicam a produção de: a) perguntas que levem o aluno à produção de respostas textuais; b) as que levem a produção de respostas inferenciais; c) e as de produção de respostas interpretativas. Para Angelo e Menegassi (2014 apud FUZA; MENEGASSI, 2018, p.33) deve-se:

[...] primeiramente, oferecer perguntas de resposta textual, para que o aluno aprenda a trabalhar com o texto; após, apresentar as perguntas de resposta inferencial, com a finalidade de que o aluno estabeleça relações entre o texto e as informações que possui em seu conhecimento prévio; por último, propiciar perguntas de resposta interpretativa, com o intuito de que o aluno chegue à possibilidade de produzir sentidos próprios ao tema discutido.

Nas perguntas de resposta textual, o leitor localiza as respostas na superfície do texto, naquilo que está presente no linguístico, mas não simplesmente copia

trechos do texto na construção da resposta. Conforme Fuza e Menegassi (2018, p. 20), esse tipo de pergunta, exige do leitor “[...] compreensão, organização frasal completa, e não apenas o ato de parear as informações do comando com a localização da resposta no texto”. Apesar desse tipo de pergunta ser importante à formação do leitor, o processo de ensino da leitura não deve se encerrar nele, porque “não permite o desenvolvimento” (MENEGASSI, 2010, p. 170). Alicerçados em Bakhtin (2003), a primeira etapa da realidade da comunicação é encontrar e reconhecer as pontas do fio do bordado que foram tecidas pelo autor (GERALDI, 1991), por isso essa etapa de leitura, isto é, a elaboração de perguntas de resposta textual para o processo de ensino e aprendizagem da leitura é fundamental.

Em um segundo nível, estão as perguntas de resposta inferencial, as quais não estão diretamente marcadas no texto, exigem inferências e consideração das informações contextuais (MENEGASSI, 2010, p. 180). Momento em que os fios do bordado começam a se entrelaçar aos novos fios trazidos pelo leitor (GERALDI, 1991).

Já nas perguntas de resposta interpretativas, o leitor é preparado para “[...] atribuir sentido ao tema, caso contrário, ele poderá atribuir uma resposta de vale-tudo” (FUZA; MENEGASSI, 2018, p. 33). As interpretativas são respostas idiossincráticas, “a resposta é produzida a partir da elaboração pessoal do leitor, sobre os conhecimentos e as experiências de sua vida pessoal, criando uma interpretação textual própria” (FUZA; MENEGASSI, 2018, p. 33). É o momento de construir sentidos ao texto, concordando ou discordando, totalmente ou em partes, completando-o, alterando-o, ampliando-o, resumindo-o, aplicando-o em e para a história de vida do leitor (BAKHTIN, 2019).

Portanto, as perguntas que acontecem durante a leitura de um texto têm níveis de complexidade, uma é requisito para que o leitor consiga responder a(s) próxima(s). Gradativamente, o que ocorre é interação e construção de sentidos, o leitor responde ativamente ao texto. Essa responsividade do leitor se forma, então, ao longo de um processo ordenado. Contudo, Fuza e Menegassi (2017; 2018) alertam que esse encaminhamento não é um modelo fechado a ser seguido para todo e qualquer trabalho com o ensino e a aprendizagem da leitura e para todo e qualquer gênero discursivo. Conforme o objetivo do professor, o contexto da interação particular, o ano escolar dos alunos, as particularidades que envolvem a situação do ensino e

aprendizagem da leitura e a depender também dos trabalhos já realizados, apenas, por exemplo, as perguntas de resposta interpretativas podem ser oferecidas ao leitor.

No caso da sequenciação, essa ação está integrada à ordenação das perguntas. Esse procedimento tem como objetivo auxiliar o leitor no desenvolvimento da produção de texto e promove que o mediador tenha uma ferramenta mais concreta para avaliar a compreensão e o desenvolvimento do leitor. A sequenciação consiste em, depois de respondidas todas as perguntas de pré-leitura e de leitura, o leitor recebe uma pergunta-chave: “Do que trata o texto?”, para respondê-la, sequencia todas as respostas textuais, inferenciais e interpretativas que construiu. Para Fuza e Menegassi (2017), a produção dessa resposta final leva o aluno/leitor a uma réplica concreta, uma contrapalavra ao discurso anterior. Princípio da interação humana (BAKHTIN, 2019).

Na próxima seção, apresentamos uma proposta de intervenção didática para o ensino da leitura em biblioteca.

4. Uma proposta de intervenção para o ensino da leitura em biblioteca

Nessa proposta de intervenção construímos um conjunto de atividades tendo como eixo orientador um conto maravilhoso de Ricardo Azevedo, “A mulher dourada e o menino careca”. Esse conto faz parte da coletânea *No meio da noite escura tem um pé de maravilha*, do mesmo autor, publicada em 2007. A justificativa pelo gênero discursivo ocorreu porque a proposta direciona-se ao trabalho com crianças de 10 a 12 anos de idade. De acordo com os estudos de Sene (2019), o conto maravilhoso está inserido na esfera literária e tem como princípio narrar histórias de encantamento, de magia, com personagens que estão entre o real e o imaginário, tendo como pano de fundo problemas sociais e “como fio condutor a relação entre classes econômicas e sociais” (SENE, 2019, p.67). Trata, ainda, de relações antagônicas, como aquelas estabelecidas entre a bondade e a maldade, a ingenuidade e a inveja etc. Nesse sentido, entendemos que, por meio de uma forma mais lúdica, o conto maravilhoso pode possibilitar a organização de discussões como ferramenta para o desenvolvimento da criticidade de crianças de 10 a 12 anos.

A proposta é formada por três blocos de perguntas: as de pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura, as referidas perguntas estão acompanhadas de sugestões de

respostas, bem como de explicações sobre o referencial teórico que as sustentam e sugestões, ao orientador de atividades que atua em biblioteca, de encaminhamentos didáticos.

A primeira sugestão é que a implementação seja realizada com pequenos grupos, cinco ou seis de crianças de 10 a 12 anos de idade. O trabalho em grupo é importante diante do fato de que as discussões são sempre enriquecidas no confronto de opiniões que são construídas diante das diferentes experiências e expectativas de cada criança.

Para a construção das atividades de pré-leitura, buscamos: motivar os participantes para a tarefa; dar a conhecer os objetivos; ativar os conhecimentos prévios sobre a função social do gênero discursivo e a temática tratada pelo texto. Esse é o momento para que o leitor faça previsões, as quais serão refutadas ou confirmadas no momento da leitura (SOLE, 1998; MENEGASSI, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2017; 2018). Para tanto, Solé (1998) defende algumas ações: a) o professor, nesse caso, o orientador de atividade de biblioteca, não precisa explicar o conteúdo trazido pelo texto de forma específica, a explicação deve ter caráter mais geral, a fim de fazer apenas que o leitor recupere na memória algum conhecimento que ele já tenha sobre o conteúdo de forma geral; b) levar o participante a prestar atenção em elementos que merecem destaque no texto: título, trechos, personagens, figuras e outros (a considerar o gênero discursivo); c) incentivar exposição de ideias e debates, a fim de que os participantes sejam os protagonistas das atividades.

Primeiro bloco: atividades pré-leitura:

Orientador de atividades: explique aos leitores que existem muitas formas e meios de falar sobre alguns problemas pelos quais as pessoas passam. Por exemplo, se um colega da escola inventa uma mentira sobre alguém, é preciso que a pessoa reclame para a professora ou para os seus pais. Também aborde o fato de que existem outros gêneros que tratam desse assunto de uma forma mais lúdica, fazendo que os leitores reflitam, se sensibilizem. Exponha ainda que, nesse projeto, será realizada a leitura de um texto escrito por Ricardo Azevedo, escritor muito conhecido por tratar de assuntos bastante sérios, mas por meio de personagens e acontecimentos que envolvem a realidade e o imaginário, promovendo uma reflexão descontraída e lúdica por parte de seus leitores.

Objetivos da proposta: conhecer um conto maravilhoso; refletir e discutir sobre problemas sociais presentes na vida das crianças: a curiosidade, a busca pela felicidade, o arrependimento, o *bullying*, isso de forma lúdica, com a presença de elementos mágicos, proporcionando à criança a compreensão de que é possível falar sobre vários assuntos de diversas formas.

Atividades do primeiro bloco

1. Qual é o título do texto?

Sugestão de resposta (SG): O título do texto é “A mulher dourada e o menino careca”.

2. Pelo título é possível entender que a história tratará de questões fictícias/imaginárias? Explique.

SG: Pelo título é possível entender que a história tratará de questões fictícias, pois uma pessoa real não pode ser da cor dourada.

3. Qual história você imagina que será contada neste texto, a considerar o título?

Resposta pessoal.

4. Por que, em sua opinião, a personagem se chama Mulher Dourada?

Respostas possíveis (RP): A personagem se chama Mulher Dourada porque é uma mulher muito rica, que tem muitas joias, ouro; pode ser uma mulher radiante, cheia de boas energias; pode ser uma mulher que se destaca pessoal ou profissionalmente.

5. E quanto ao menino, como você o imagina?

RP: Imagino que o menino seja careca, ou seja, tenha raspado ou tenha nascido sem cabelo.

6. Você conhece algum menino careca?

Resposta pessoal.

7. Quais motivos levam uma criança ser careca?

RP: doenças graves como o câncer fazem as pessoas perderem os cabelos; condições genéticas; estresse; acidentes.

8. O texto que vamos ler é um conto maravilhoso. Você já leu algum conto maravilhoso? Se sim, qual era o tema tratado no conto?

Resposta pessoal.

9. Você sabe quais temas são tratados nos contos maravilhosos?

Orientador de atividades: explicar aos leitores quais temáticas podem ser abordadas em contos maravilhosos, como: a curiosidade; a busca pela felicidade; o arrependimento sobre ações realizadas; o *bullying*. É importante destacar que o conto maravilhoso trata de problemas sociais, mas de uma forma lúdica, com elementos mágicos, proporcionando à criança a compreensão que é possível falar de assuntos sérios de diversas formas. Conforme Candido (2011), os textos literários se constituem de instrumentos humanizadores, por possibilitarem o exercício da reflexão e a percepção da complexidade do mundo e das relações sociais que os circundam.

10. Onde esse texto pode ser encontrado?

SR: Esse texto pode ser encontrado em livros, sites e blogs.

Depois das atividades antes da leitura, é chegado o momento da leitura propriamente dita do conto e de elaboração de uma nova sequência de perguntas.

Segundo bloco: a leitura do conto e as perguntas durante a leitura

Para a construção das perguntas textuais, inferenciais e interpretativas (MENEGASSI, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2017; 2018) partimos das ideias temáticas (ideias principais) que constituem o conto e o conjunto das ações desenvolvidas pelo personagem protagonista da história. Assim, o primeiro passo do orientador de atividades é identificar esses aspectos no texto, a fim de que o leitor seja orientado a atentar-se à linearidade do enredo. No caso do conto maravilhoso, e de forma mais específica o conto em trabalho: “A mulher dourada e o menino careca” (AZEVEDO, 2007), a estrutura formal e regular é organizada, predominantemente, pela sequência narrativa. Assim, a ordem dos acontecimentos ocorre da seguinte forma: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final, conforme revelam os estudos de Sene (2019).

No conto em questão, a história trata do “bem contra o mal” de forma mágica/maravilhosa, mais especificamente trata da transgressão humana e de suas consequências. A curiosidade que caminha por toda a narração mostra o quanto os personagens ultrapassam limites e quebram regras para satisfazer desejos pessoais. Brincando em universos paralelos, Azevedo (2007) traz em “A mulher dourada e o menino careca” algumas inquietações que fazem parte da vida em sociedade: a curiosidade, a busca pela felicidade, o arrependimento, o *bullying*, entre outros temas que podem surgir no processo de leitura, dependendo das experiências de vida que o leitor traz para o texto.

Diante do exposto, primeiramente, destacamos as ideias centrais do conto em abordagem. Assim, ressaltamos que o texto a seguir é formado por trechos transcritos do conto na íntegra, se tratando das ideias centrais, por esse motivo, por vezes, a sintaxe fica comprometida.

Quadro 1: Ideias centrais retiradas do conto

A mulher dourada e o menino careca (Ricardo Azevedo)

Aquele homem vivia de enxada na mão, trabalhando na terra.
Um dia estava com o machado cortando mato. Sem querer, o machado escapou e quebrou uma pedra. Debaixo da pedra havia um buraco.
O homem foi olhar.
surgiu do fundo da terra uma mulher
Ela usava vestido de ouro e vinha enfeitada de joias preciosas.
A mulher, infelizmente, saiu do buraco muito aborrecida.
- Vamos fazer um trato - disse ela. - Você dá seu filho para eu cuidar e, em troca, deixo você vivo e ainda dou de presente um saco cheio de ouro!
O homem [...]. Foi para casa e trouxe o menino.
Sempre junto da mulher dourada, o menino desceu pelo buraco, encontrou uma estrada e foi andando.
Chegaram num castelo de cristal escondido no fundo profundo da terra.
- Você agora é feito um filho. Pode fazer o que quiser. Mas tem um porém. existem doze arcas douradas. São marcas proibidas. Nessas, só eu mexo. Se você abrir uma só delas, perde minha proteção para sempre!
certa noite, um pensamento principiou a martelar na cabeça do menino: eram as arcas proibidas.
Um dia, não resistiu. [...] o menino foi até o quarto, tomou coragem e abriu uma das arcas.
Na mesma hora, as paredes começaram a tremer. Um buraco imenso abriu-se no chão e o castelo inteiro desmoronou.
O menino foi caindo e caindo no meio de pedaços de paredes, móveis, pedras e tijolos.
Sentiu uma mão agarrando a sua. Escutou uma voz triste e zangada. Era a mulher dourada:
- Ingrato! Você descumpriu o combinado!
- Não faz mal [...]. A curiosidade faz parte do homem.
Disse que gostava muito dele. Disse que perdoava. A mão da mulher dourada pôs na mão do menino uma varinha mágica.
- Com ela, você sempre vai conseguir tudo o que desejar
O menino parou na beira de um riacho para matar a sede. Ao ver sua imagem refletida na água, ficou espantado. Primeiro, tinha crescido. Agora já era um moço. Segundo: seus cabelos que antes eram negros tinham ficado dourados.
Ficou encantado mas também preocupado.
E o rapaz teve uma ideia. Aproveitando-se que por ali havia muito gado pastando, matou uma vaca e a preparou para o almoço.
Com a bexiga do animal fez uma espécie de chapéu, uma pele falsa, e com ela escondeu seus cabelos dourados.
O moço chegou a uma cidade. [...] conseguiu arranjar emprego de jardineiro no castelo do rei.
O rei daquele país era cego. Vivia no castelo, ele e sua filha, uma moça linda. Assim que soube do jardineiro novo, a princesa fez questão de ir falar com ele:
- Moço! Cuide bem das minhas flores! São a coisa de que mais gosto no mundo.
A princesa era curiosa. Estava encantada e desconfiada com os serviços do novo jardineiro.

Curiosa, a princesa resolveu fazer um buraquinho na parede do caramanchão. Depois, ficou só esperando a tarde chegar.

Trancado no quartinho de madeira, o jardineiro careca tirou a bexiga de vaca que cobria sua cabeça. Depois, despiu-se e tomou banho. Mais tarde, abriu um saco, tirou roupas de veludo e um chapéu de plumas. Vestido com a roupa nova, sentou-se num banco e chorou.

O rei era cego, mas não por causa de doença. O pai da princesa tinha sido enfeitiçado por uma bruxa.

Segundo um famoso adivinho, para salvar os olhos do rei, o único remédio era o leite do pássaro-azul. A ave vivia num castelo encantado no Reino-do-Entrou-Ficou.

A princesa já estava na idade de se casar.

O rei cego teve uma ideia. Mandou avisar que quem fosse até o Reino-do-Entrou-Ficou e conseguisse trazer uma garrafa de leite do pássaro-azul, teria, como prêmio, a mão de sua filha em casamento.

Um grupo de príncipes e heróis tomou coragem e decidiu viajar até o Reino-do-Entrou-Ficou.

O jardineiro careca perguntou ao rei se podia ir também.

Todo mundo achou graça, mas o rei deixou.

E foi assim. Os cavaleiros partiram em seus cavalos fogosos. O jardineiro careca seguiu por último trotando em cima de um burro.

Puxando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes. Seu burro virou um musculoso cavalo dourado.

Graças à varinha mágica, cavalo e cavaleiro saltaram os sete muros de pedra do Reino-do-Entrou-Ficou, passaram por sete leões, abriram sete portas, subiram sete escadas e chegaram na torre onde estava guardado o pássaro-azul.

Descendo do cavalo, o jardineiro de cabelos de ouro tirou o leite do pássaro e o guardou numa garrafinha.

Os cavaleiros mentiam. Estavam levando era leite de vaca. Sua ideia era dar ao rei o leite errado e depois dizer que a culpa era do adivinho. Iam também dizer que tinham arriscado suas vidas e exigir a mão da princesa em casamento. Ela que escolhesse um entre eles.

O jardineiro chegou bem depois. Amarrou o burro no estábulo e chamou a princesa. Entregou a ela uma garrafinha e disse:

- Trouxe o leite do pássaro-azul. Prefiro que você mesma passe o remédio nos olhos de seu pai.

A princesa beijou o jardineiro e correu até a sala do trono.

A princesa pediu licença, aproximou-se e pingou o leite do pássaro-azul nos olhos do pai.

Milagre. Espanto. Mistério maravilhoso. O rei que antes era cego passou a enxergar tudo.

- Quem me deu o leite foi o jardineiro careca!

O rei mandou chamar o jardineiro.

O rapaz confirmou tudo.

Feliz da vida, a princesa contou ao pai o que sabia do jardineiro. Pediu a ele que tirasse a bexiga de vaca da cabeça.

O rapaz contou sua história.

O rapaz conseguiu encontrar seu pai e sua mãe e mandou convidá-los para a festa.

Ficou faltando só a mulher de vestido dourado, joias preciosas e cabelos selvagens. Essa, infelizmente, ele nunca mais encontrou na vida.

Fonte: as autoras

Conhecidas as ideias centrais, na organização dos acontecimentos narrativos, elaboramos as perguntas de resposta textual, inferencial e interpretativa e sugestões de respostas, centrados no que é possível se esperar de crianças de 10 a 12 anos de idade.

Atividades de leitura

Orientador de atividades: nossa sugestão é que o processo de leitura seja realizado da seguinte forma: o orientador solicita que as crianças leiam o texto de forma individual e silenciosa ou que uma das crianças do grupo leia o texto em voz alta para acompanhamento das demais. É importante que cada orientador avalie a melhor ação diante dos participantes e de seu contexto específico. Depois, o orientador faz a leitura do texto, em voz alta, para o grupo, dividindo o texto conforme o esquema narrativo que o forma: situação inicial, conflitos, situação final, conforme expomos a seguir, e promova que as crianças possam ir respondendo as perguntas de leitura.

Quadro 2: Primeira parte do Conto

A mulher dourada e o menino careca (Ricardo Azevedo)

Aquele homem vivia de enxada na mão, trabalhando na terra, roçando, capinando, plantando, lutando de sol a sol para sustentar mulher e filho pequeno.

Um dia estava com o machado cortando mato. Sem querer, o machado escapou e quebrou uma pedra. Debaxo da pedra havia um buraco.

- Será buraco de cobra? Será tatu ou o quê?

O homem foi olhar.

Tomou um susto. Uma luz brilhou estranha. Depois, surgiu do fundo da terra uma mulher tão linda quanto as flores mais coloridas e as pedras mais raras e preciosas.

O homem quis fugir. A tal mulher parecia uma deusa. O homem quis desaparecer. Ela usava vestido de ouro e vinha enfeitada de joias preciosas. Sua cabeleira era negra, selvagem e sedosa.

A mulher, infelizmente, saiu do buraco muito aborrecida.

- Como você teve a coragem de interromper meu sono desse jeito? Desgraçado! Quem é você pra fazer uma coisa dessas?

O homem gaguejava tentando se desculpar.

- Cale a boca! - gritou a mulher dourada. - Vai pagar caro pelo que fez! Vou acabar com a sua vida!

O homem caiu de joelhos:

- Por favor, dona! Eu sou pobre! Ando por aí cortando mato, roçando, plantando, lutando para poder sobreviver. Por favor, não me mate. Foi sem querer. Tenho mulher e um filho pequeno para cuidar!

A mulher dourada fez cara feia mas acabou sentindo pena daquele homem humilde chorando ajoelhado.

- Vamos fazer um trato - disse ela. - Você dá seu filho para eu cuidar e, em troca, deixo você vivo e ainda dou de presente um saco cheio de ouro!

O homem não viu outra saída. Foi para casa e trouxe o menino.

A mulher dourada deu o saco cheio de ouro, pegou o menino pela mão e sumiu no buraco escuro.

O homem voltou para casa chorando. Devia estar feliz por causa do dinheiro. Com aquele saco de ouro ia poder ter uma vida mais tranquila. Mas sem o filho? O homem soluçava e pensava como a vida pode ser tão cheia de toma-lás e de dá-cás.

Sempre junto da mulher dourada, o menino desceu pelo buraco, encontrou uma estrada e foi andando.

Chegaram num castelo de cristal escondido no fundo profundo da terra.

O menino nunca pensou que pudesse existir tanta beleza e tanta maravilha.

- De hoje em diante tudo isso é seu - disse a mulher dourada. E entregou a ele todas as chaves do palácio.

- Você agora é feito um filho. Pode fazer o que quiser. Pode brincar. Pode passear. Pode comer e beber. Pode entrar em todos os lugares e conhecer o castelo de cristal inteiro. Você é dono de tudo. Mas tem um porém.

A voz da mulher dourada ficou dura.

- Dobrando à esquerda, trancadas no último quarto do corredor, existem doze arcas douradas. São marcas proibidas. Nessas, só eu mexo. Se você abrir uma só delas, perde minha proteção para sempre!

A mulher segurou o menino pelos ombros.

- Você entendeu bem?

- Entendi - disse ele assustado.

- Fica combinado?

- Fica!

E assim, o menino pobre, filho do homem que trabalhava de enxada na mão, passou a levar vida de rei. Agora tinha as melhores roupas. Andava e fazia o que queria. Passeava em cavalos voadores. Brincava com brinquedos mágicos. Trazia o bolso cheio de moedas de ouro. O tempo passou.

Mas o destino vira e mexe surpreende.

Na cama, na hora de dormir, certa noite, um pensamento principiou a martelar na cabeça do menino: eram as arcas proibidas.

- Como são lindas aquelas arcas douradas! – pensava ele. – Quanta coisa bonita deve estar guardada dentro delas!

O menino tentava pensar em outro assunto mas sua curiosidade aumentava feito um balão de gás crescendo, crescendo sem parar.

As doze arcas proibidas viraram ideia fixa.

Um dia, não resistiu. Aproveitando-se de que a mulher dourada não estava no castelo de cristal, o menino foi até o quarto, tomou coragem e abriu uma das arcas.

Na mesma hora, as paredes começaram a tremer. Um buraco imenso abriu-se no chão e o castelo inteiro desmoronou.

O buraco era um poço escuro. O menino foi caindo e caindo no meio de pedaços de paredes, móveis, pedras e tijolos.

Sentiu uma mão agarrando a sua. Escutou uma voz triste e zangada. Era a mulher dourada:

- Ingrato! Você descumpriu o combinado! E a voz disse que agora, por causa dele, ia ficar mais cem anos encantada.

- Não faz mal – disse ela. – Parece que não tem jeito. A curiosidade faz parte do homem.

E a voz veio suave. Disse que gostava muito dele. Disse que perdoava. A mão da mulher dourada pôs na mão do menino uma varinha mágica.

- Com ela, você sempre vai conseguir tudo o que desejar – disse a voz que foi ficando cada vez mais longe até desaparecer nas profundezas do buraco escuro.

[...]

Fonte: AZEVEDO (2007, p. 16-19)

Perguntas com respostas no texto:

1. O conto se inicia falando de um homem. Quem era esse homem? O que ele fazia?

SR: Esse homem era o pai do menino careca. Um sujeito trabalhador que capinava de sol a sol para levar o sustento à sua família.

2. Quando estava um dia trabalhando na terra, o que o homem encontrou?

SR: Quando estava um dia trabalhando na terra, o homem encontrou um buraco e, cavando o buraco, encontrou uma mulher dourada.

3. Quem era a mulher dourada? De onde ela surgiu?

SR: A mulher dourada era uma mulher linda, vestida de ouro e joias e que morava em um castelo de cristal em um buraco embaixo da terra.

4. Como a mulher se sentiu quando foi descoberta?

SR: Quando a mulher foi descoberta, ela se sentiu muito aborrecida, gritou e xingou o homem que a descobriu.

5. “A mulher dourada fez cara feia mas acabou sentindo pena daquele homem humilde chorando ajoelhado” (AZEVEDO, 2007, p.144). Com pena do homem, a mulher dourada tratou de fazer um combinado. Que combinado foi esse?

SR: A mulher dourada ficou aborrecida, mas sentiu pena do homem que chorava e, para não acabar com a vida dele, pediu que ele desse seu filho a ela para dele cuidar.

6. O que a mulher dourada fez com o menino?

SR: A mulher dourada levou o menino para seu castelo de cristal, deu-lhe todas as riquezas do castelo, disse que ele podia comer e fazer o que quisesse, mas não poderia abrir as arcas que só ela poderia abri-las.

7. O menino cumpriu o combinado com a mulher dourada?

SR: O menino não cumpriu o combinado com a mulher dourada e abriu uma arca, destruindo todo castelo e aprisionando a mulher dourada em um sono profundo.

8. A mulher dourada perdoou o menino pelo o que ele fez?

SR: A mulher dourada perdoou o menino pelo o que ele fez, deu a ele cabelos de ouro e uma varinha mágica para que ele pudesse ter toda riqueza que ele quisesse.

Perguntas com respostas inferenciais:

9. O menino careca abriu a arca proibida descumprindo o acordo feito com a mulher dourada. Como podemos chamar essa atitude do menino?

SR: Quando o menino careca abriu a arca proibida descumprindo o acordo feito com a mulher dourada, essa atitude pode ser entendida como traição da confiança.

10. A mulher dourada ficou aborrecida quando foi acordada pelo homem, gritou com ele, xingou, disse até que ia acabar com a vida dele. Mas ficou com pena quando viu o homem ajoelhado. Ela também ficou zangada com o menino quando ele a desobedeceu, mas perdoou e deu a ele uma varinha mágica. Você acredita que a mulher dourada era uma mulher malvada, rude? Justifique sua resposta.

SR: A mulher dourada era brava, gritava e xingava, mas não era malvada, rude. Ela era uma pessoa boa, sentia pena das pessoas, soube perdoar o menino.

11. Ao perdoar o menino careca, a mulher dourada deu a ele cabelos de ouro e uma varinha mágica para que ele pudesse ter toda a riqueza que ele quisesse. Mesmo tornando-se rico, o menino careca estava feliz?

SR: Mesmo tornando-se rico, com cabelos de ouro e uma varinha mágica, o menino careca não estava feliz, ele chorava e sentia arrependimento pelo que fez.

Quadro 3: Segunda parte do Conto

[...]

O menino perdeu os sentidos. Acordou num lugar desconhecido. Arrependido e zangado consigo mesmo, guardou a varinha mágica no bolso e saiu andando por uma estrada. Não sabia onde estava nem que lugar era aquele. Mesmo assim foi andando.

A paisagem por ali era muito bonita e o calor estava forte. O menino parou na beira de um riacho para matar a sede. Ao ver sua imagem refletida na água, ficou espantado. Primeiro, tinha crescido. Agora já era um moço. Segundo: seus cabelos que antes eram negros tinham ficado dourados. O moço colocou as mãos na cabeça. Sua cabeleira agora era de ouro!

Ficou encantado mas também preocupado.

- Se um bandido aparece e me vê com uma cabeleira dessas, é capaz de querer arrancar minha cabeça fora!

E o rapaz teve uma ideia. Aproveitando-se que por ali havia muito gado pastando, matou uma vaca e a preparou para o almoço.

Com a bexiga do animal fez uma espécie de chapéu, uma pele falsa, e com ela escondeu seus cabelos dourados.

Com a bexiga da vaca na cabeça e de barriga cheia, pegou a estrada e continuou sua viagem.

De vez em quando cruzava com pessoas. Um ou outro, de brincadeira, gritava: "Aí, careca!", "Tão moço e tão careca!" e coisas assim.

O moço chegou a uma cidade. Como tinha aprendido como pai a lidar com a terra, conseguiu arranjar emprego de jardineiro no castelo do rei.

O rei daquele país era cego. Vivia no castelo, ele e sua filha, uma moça linda. Assim que soube do jardineiro novo, a princesa fez questão de ir falar com ele:

- Moço! Cuide bem das minhas flores! São a coisa de que mais gosto no mundo. Quero acordar todos os dias com um buquê de flores ao lado de minha cama, perfumando meu quarto e minha vida.

O jardineiro achou a moça muito bonita.

A partir daquele dia, a filha do rei passou a encontrar, todas as manhãs, um buquê de flores amarradas com um fio de ouro na porta do quarto.

A princesa estranhou. Ficou feliz mas também curiosa. Foi logo procurar o jardineiro.

- Estou muito satisfeita com os buquês, moço, mas de onde vêm os fios de ouro?

O moço sorriu:

- Não se preocupe com isso! Uma princesa bonita assim merece isso e muito mais.

A princesa era curiosa. Estava encantada e desconfiada com os serviços do novo jardineiro. O jardim do palácio parecia cada vez mais bonito, cheio de canteiros e flores novas, cachoeiras que antes nem existiam e até flores de tipos raros e desconhecidos.

- Como você consegue fazer tanta coisa? – perguntava a princesa admirada.

- Aprendi com meu pai – respondia ele.

A cabeça da menina foi ficando cheia de ideias. Começou a vigiar o jardineiro de sua janela.

Descobriu que, todo fim de tarde, ele entrava num caramanchão e ali ficava trancado por um bom tempo.

Curiosa, a princesa resolveu fazer um buraco na parede do caramanchão. Depois, ficou só esperando a tarde chegar.

Quando o jardineiro careca terminou o serviço e entrou no caramanchão, a filha do rei foi correndo espiar.

Faltou pouco para o queixo da menina não despencar na terra dura.

Trancado no quatinho de madeira, o jardineiro careca tirou a bexiga de vaca que cobria sua cabeça. Depois, despiu-se e tomou banho. Mais tarde, abriu um saco, tirou roupas de veludo e um chapéu de plumas. Vestido com a roupa nova, sentou-se num banco e chorou.

Chorava de saudade dos pais.

Chorava de arrependimento por ter aberto a arca proibida, traindo assim a linda mulher dourada.

A princesa não sabia nada do que se passava por dentro daquele jovem. Pelo buraco, só via que ele era bonito e tinha os cabelos dourados. A filha do rei ficou com pena. A filha do rei sentiu um calor. A filha do rei ficou apaixonada.

O rei era cego, mas não por causa de doença. O pai da princesa tinha sido enfeitiçado por uma bruxa.

Segundo um famoso adivinho, para salvar os olhos do rei, o único remédio era o leite do pássaro-azul. A ave vivia num castelo encantado no Reino-do-Entrou-Ficou.

O rei tinha enviado exércitos para o lugar. Heróis já tinham ido até lá com suas coragens e suas espadas pontudas. Ninguém tinha voltado.

A princesa já estava na idade de se casar.
O rei cego teve uma ideia. Mandou avisar que quem fosse até o Reino-do-Entrou-Ficou e conseguisse trazer uma garrafa de leite do pássaro-azul, teria, como prêmio, a mão de sua filha em casamento.
[...]

Fonte: AZEVEDO (2007, p. 20-22)

Perguntas com resposta no texto:

12. O que o menino fez para esconder os cabelos dourados?

SR: Para esconder os cabelos dourados, com medo dos ladrões, o menino fez uma espécie de chapéu com a bexiga de uma vaca cobrindo todo o cabelo.

Pergunta de resposta inferencial:

13. Em sua opinião, por que as pessoas zombaram do menino careca quando cruzavam com ele na rua? Para você, essas pessoas podem ser consideradas boas pessoas?

SR: Quando cruzavam com o menino careca, as pessoas zombavam dele, porque mesmo jovem, ele não tinha cabelo. Essas pessoas não podem ser consideradas boas, uma vez que o que elas faziam era *bullying*, o que nunca traz nenhum tipo de benefício, pelo contrário aquele que faz *bullying* magoa, humilha e faz mal ao outro.

Perguntas de resposta textual:

14. Depois que o menino careca saiu a andar pelo mundo, quem ele encontrou?

SR: Depois de sair a andar pelo mundo, o menino careca encontrou um rei cego e sua filha princesa e foi trabalhar para eles como jardineiro.

15. “O rei era cego, mas não por causa de doença” (AZEVEDO, 2007, p.146). Como o rei, pai da princesa, ficou cego?

SR: O rei ficou cego porque foi enfeitiçado por uma bruxa.

16. Qual era o remédio para curar a cegueira do rei?

SR: O remédio para curar a cegueira do rei era o leite do pássaro-azul que morava em um castelo encantado no Reino do Entrou-Ficou.

17. Qual foi a ideia que o rei teve para voltar a enxergar?

SR: Para voltar a enxergar, o rei teve a ideia de oferecer a mão de sua filha em casamento para quem trouxesse o leite do pássaro-azul para curá-lo.

Perguntas de resposta inferencial:

18. A princesa morava em um castelo, era filha de um rei, o que significa que ela era muito rica, mas a história conta que a coisa de que ela mais gostava no mundo eram as flores de seu jardim. A princesa era, então, uma pessoa gananciosa, que dava valor apenas às coisas materiais?

SR: A princesa era uma pessoa simples, que não colocava o dinheiro como a coisa principal da vida. Ela era boa, ficou com pena do jardineiro quando o viu chorando e sofrendo.

19. O rei não se importava com quem se casaria com sua filha. Ele não ligava se fosse um príncipe, um herói ou o jardineiro (menino careca). “Para ele só uma coisa importava: conseguir o leite do pássaro-azul e com ele voltar a enxergar” (AZEVEDO, 2007, p.251). Sabendo disso, você acredita que o rei era uma boa pessoa?

SR: O rei não era uma boa pessoa, ele pensava primeiro em si mesmo, sem pensar em sua filha. Ele não se importava com quem seria o marido da filha, se seria bom para ela, ele apenas queria voltar a enxergar.

Quadro 4: Terceira parte do Conto

[...]

A princesa era a coisa mais linda. Um grupo de príncipes e heróis tomou coragem e decidiu viajar até o Reino-do-Entrou-Ficou.

O jardineiro careca perguntou ao rei se podia ir também.

Todo mundo achou graça, mas o rei deixou.

Para ele só uma coisa importava: conseguir o leite do pássaro-azul e com ele voltar a enxergar.

E foi assim. Os cavaleiros partiram em seus cavalos fogosos. O jardineiro careca seguiu por último trotando em cima de um burro. Os príncipes e heróis galopavam e davam risada:

- Ô careca! Não vá sujar as calças de medo quando a gente chegar no Reino-do-Entrou-Ficou!

- Careca! Olha que esse burro velho é perigoso! Cuidado para não cair!

Em vez de ficar zangado, o jardineiro careca sorria:

- Esse burro é dos bons! Esse burro, se quiser, pula por cima dessa cavalhada inteira!

Os príncipes soltavam gargalhadas e chicoteavam seus cavalos fogosos, deixando o jardineiro para trás engolindo poeira.

Quando o grupo chegou perto da montanha onde ficava o Reino-do-Entrou-Ficou, o falso careca sentiu que sua hora tinha chegado. Puxando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes. Seu burro virou um musculoso cavalo dourado.

O cavalo empinou, relinchou e saiu feito um rojão deixando o grupo de cavaleiros lá longe.

Graças à varinha mágica, cavalo e cavaleiro saltaram os sete muros de pedra do Reino-do-Entrou-Ficou, passaram por sete leões, abriram sete portas, subiram sete escadas e chegaram na torre onde estava guardado o pássaro-azul.

Descendo do cavalo, o jardineiro de cabelos de ouro tirou o leite do pássaro e o guardou numa garrafinha.

Em seguida, montou no cavalo e partiu. Desceu sete escadas, abriu sete portas, passou por sete leões, saltou sete muros de pedra e foi embora. Logo adiante, fez um gesto com a varinha mágica e voltou a ser o jardineiro careca montado num burro.

Quando o grupo de príncipes e heróis chegou ao Reino-do-Entrou-Ficou, encontrou o castelo destruído e um pássaro-azul voando longe no céu.

Decepcionados e um pouco aliviados, os valentes cavaleiros deram meia volta e retornaram. No caminho, encontraram o jardineiro montado no burro.

- Ê, careca! Nem foi lá e já está voltando? Ficou com medo do Reino-do-Entrou-Ficou?

- E vocês? – perguntou o jardineiro. – Conseguiram pegar o leite do pássaro-azul?

- Claro que sim!

Os cavaleiros mentiam. Estavam levando era leite de vaca. Sua ideia era dar ao rei o leite errado e depois dizer que a culpa era do adivinho. Iam também dizer que tinham arriscado suas vidas e exigir a mão da princesa em casamento. Ela que escolhesse um entre eles.

Os príncipes e heróis galopavam felizes. Deixaram o jardineiro para trás, chegaram no castelo e foram direto falar com o rei.

O jardineiro chegou bem depois. Amarrou o burro no estábulo e chamou a princesa. Entregou a ela uma garrafinha e disse:

- Trouxe o leite do pássaro-azul. Prefiro que você mesma passe o remédio nos olhos de seu pai.

A princesa beijou o jardineiro e correu até a sala do trono.

Encontrou o rei cego confuso, segurando uma garrafa de leite vazia. Os heróis falavam todos ao mesmo tempo. Diziam que o adivinho era um impostor. Que tinham arriscado a própria vida. Que queriam ser recompensados. Agora, um deles tinha direito de se casar com a princesa.

A princesa pediu licença, aproximou-se e pingou o leite do pássaro-azul nos olhos do pai.

Milagre. Espanto. Mistério maravilhoso. O rei que antes era cego passou a enxergar tudo.

- Mas como você conseguiu, filha? – perguntou o rei emocionado.

A moça sorriu:

- Quem me deu o leite foi o jardineiro careca!

- É impossível! – gritaram os príncipes.

- O careca foi com a gente e não teve nem a coragem de chegar perto do Reino-do-Entrou-Ficou! – explicou um deles.

O rei mandou chamar o jardineiro.

O rapaz confirmou tudo.

Tinha saltado sete muros de pedra. Tinha enfrentado sete leões. Tinha aberto sete portas. Tinha subido sete escadas. Tinha, sim, tirado o leite do pássaro-azul.

- Quando os outros chegaram lá – contou ainda o jardineiro – o Reino-do-Entrou-Ficou já estava destruído.

- Mentiroso! – gritaram os príncipes e heróis fingindo revolta.

O rei não sabia o que dizer.

- Desafio o careca a duelar comigo! – gritou um dos príncipes.

- Comigo também – gritaram outros.

- Aceito – respondeu o jovem. Tirando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes montado num musculoso cavalo dourado.

O rei e a princesa ficaram sem palavras.

Os príncipes e heróis sentiram medo.

Só quatro resolveram manter o desafio.

- Como você quer o duelo? – gritou um deles.

- Luto com os quatro de uma vez! – gritou o jardineiro de cabelos dourados, puxando a espada da bainha.

Ao ouvir isso, os quatro cavaleiros recusaram assustados e desistiram de tudo. Montados em seus cavalos, fugiram a galope.

Feliz da vida, a princesa contou ao pai o que sabia do jardineiro. Pediu a ele que tirasse a bexiga de vaca da cabeça.

Todos ficaram encantados com aquela cabeleira dourada.

O rapaz contou sua história. Falou da pobreza de sua família e da mulher dourada. Falou do pacto feito por seu pai, do castelo debaixo da terra e de tudo o mais. Chorou. Contou das doze arcas douradas e do seu triste erro.

No fim, a princesa e o moço se abraçaram.

O rei mandou fazer uma festa de casamento.

O rapaz conseguiu encontrar seu pai e sua mãe e mandou convidá-los para a festa.

Ficou faltando só a mulher de vestido dourado, joias preciosas e cabelos selvagens. Essa, infelizmente, ele nunca mais encontrou na vida.

Uma história como esta
Parece beleza pura
Quem quiser que invente outra
Cheia de amor e aventura!

Fonte: AZEVEDO (2007, p. 23-27)

Perguntas com resposta no texto:

20. No castelo, algumas pessoas também zombavam do menino. Qual foi a reação dos príncipes e heróis quando o menino careca, que trabalha no castelo como jardineiro, se ofereceu para ir atrás do leite do pássaro-azul?

SR: Quando o jardineiro se ofereceu para ir atrás do leite do pássaro-azul todos riram dele.

Pergunta com resposta inferencial:

21. Por que os príncipes e heróis reagiram dessa forma?

SR: Os príncipes e heróis reagiram dessa forma porque o menino careca era apenas um jardineiro, sem cavalo e sem espada. Não tinha riquezas para ser o marido da princesa. Os príncipes e heróis demonstram acreditar que só porque eles têm mais bens materiais que o jardineiro, são melhores que ele.

22. O que os príncipes e heróis fizeram quando não encontraram o leite do pássaro-azul para levar ao rei?

SR: Quando não encontraram o leite do pássaro-azul, os príncipes e heróis armaram um plano para enganar o rei: levaram a ele leite de vaca e exigiram que a princesa se casasse com um deles.

23. O plano dos cavaleiros foi bem sucedido? Por quê?

SR: O plano dos cavaleiros não foi bem sucedido, porque o leite da vaca não curou a cegueira do rei, foi o leite trazido pelo menino careca que curou o rei, porque era o antídoto verdadeiro. Então, a princesa se casou com o menino careca que revelou toda sua história.

Pergunta com resposta inferencial:

24. Os príncipes e heróis armaram um plano para enganar o rei, levando para ele leite de vaca. Eles queriam alegar que o adivinho que disse ao rei que a cura estava no leite do pássaro-azul é que era enganador, e não eles. Por que você acha que os príncipes e heróis tomaram essa atitude?

SR: Os príncipes e heróis armaram um plano para enganar o rei porque queriam se aproveitar da situação. Eles não eram pessoas honestas.

25. Em sua opinião, por que o menino careca ficou triste de não encontrar mais a mulher dourada mesmo se casando com a princesa e revendo os pais no final da história?

SR: Mesmo se casando com a princesa e revendo os pais, o menino careca ficou triste por não encontrar a mulher dourada porque tinha se arrependido do que fez a ela.

Perguntas com respostas interpretativas

26. Por que o menino traiu a confiança da mulher dourada?

SR: O menino traiu a confiança da mulher dourada porque foi curioso.

27. Você acredita que ser curioso é algo ruim, pode trazer sempre coisas ruins para as pessoas?

SR: Ser curioso nem sempre é ruim, a curiosidade pode levar as pessoas a terem atitudes boas, a terem coragem para fazer coisas boas.

28. Você se considera curioso? Justifique.

Resposta pessoal.

29. Você já descumpriu algum trato (seja com pai, mãe ou amigos)? O que sentiu por não cumprir o que havia prometido?

Resposta pessoal.

30. Você acredita que só porque uma pessoa tem muito dinheiro, ela é sempre muito feliz?

Resposta pessoal.

As perguntas de resposta textual, como exposto, não são de cópias de trechos do texto, o leitor as identifica no texto, mas as constrói a partir de um nível de compreensão. Destacamos que, na primeira parte da atividade, esse tipo de questão aparece em maior quantidade, depois ela se intercala com as inferenciais para dar lugar à construção de uma criticidade maior na elaboração de respostas interpretativas. Contudo, ressaltamos, o aspecto quantitativo depende muito do gênero em abordagem, da extensão do texto, do objetivo da interação, da idade dos participantes etc.

Para a construção das respostas inferenciais, embora ligadas ao texto de forma explícita, “o leitor precisa relacionar os elementos do texto, estabelecendo algum tipo

de inferência” (FUZA; MENEGASSI, 2018, p.20). Elas são muito importantes para dar início ao processo de ligação da temática à vida, aos anseios, às crenças e às experiências do leitor, em um movimento idiossincrático que se forma a partir das perguntas de respostas inferenciais chegando à etapa da interpretação.

Terceiro bloco – após a leitura

Atividade

31. Do que trata o texto que você leu?

Essa é uma pergunta feita após a leitura completa do texto e de respondidas as questões de leitura. No processo de ordenação e sequenciação, essa pergunta vem como a última, pois o leitor já chegou à etapa de interpretação do texto: aprendeu a trabalhar com o texto, buscando nele e agregando a ele informações, também já estabeleceu relações com o que leu e suas experiências e expectativas, já produziu sentidos ao texto. Agora, o participante responderá mais ativamente ao texto.

Orientador de atividades: solicite que o leitor una todas as respostas em um único texto, sem preocupar-se, nesse primeiro momento, na organização da sintaxe e de parágrafos, apenas realizando uma justaposição das respostas. Depois, em uma segunda versão, é preciso excluir as partes desnecessárias (repetições, incoerências sintáticas geradas pela justaposição das respostas). Na sequência, na segunda versão ou em uma terceira, é preciso auxiliar as crianças a incluir elementos que deixem a produção textual coerente: conjunções temporais, lógicas, argumentativas; elementos coesivos etc.

Importante salientar que essa é uma estratégia de ensino enquanto o leitor ainda está em fase de formação, pois utilizá-la como método frequente para produção, por exemplo, de resumos ou sínteses acaba tolhendo a capacidade criativa que se espera do leitor/produtor (MENEGASSI, 2010).

A seguir, apresentamos uma versão final da resposta à questão 31, a qual consideramos um parâmetro do que esperamos que os participantes da intervenção produzam.

Quadro 5: Resposta/Produção de texto-parâmetro

O conto “A mulher dourada e o menino careca” conta a história de um sujeito trabalhador que capinava de sol a sol para levar o sustento à sua família. Um dia, trabalhando na terra, o homem encontrou um buraco e cavando-o encontrou uma mulher dourada. Ela era linda, vestida de ouro e jóias e moradora de um castelo de

crystal em um buraco embaixo da terra. Ao ser descoberta, sentiu-se muito aborrecida, gritou e xingou o homem que a descobriu. A mulher dourada ficou aborrecida, mas sentiu pena do homem que chorava. Para não acabar com a vida dele, pediu que lhe desse o filho para ela cuidar. Assim feito, ela levou o menino para seu castelo de cristal, deu a ele todas as riquezas do castelo, disse que ele podia comer e fazer o que quisesse, mas não poderia abrir as arcas que só ela poderia abrir. O menino não cumpriu o combinado e abriu uma arca, destruindo todo o castelo e aprisionando a mulher dourada em um sono profundo. Ainda assim, ela perdoou o menino pelo o que ele fez, deu a ele cabelos de ouro e uma varinha mágica para que ele pudesse ter toda riqueza que quisesse. Quando o menino careca abriu a arca proibida descumprindo o acordo feito com a mulher dourada ele traiu a confiança dela. Ela era brava, gritava e xingava, mas não era malvada, rude. Era uma pessoa boa, sentia pena das pessoas, soube perdoar o menino. Mesmo estando rico, com cabelos de ouro e uma varinha mágica o menino careca não estava feliz, chorava e sentia arrependimento pelo que fez. Com medo dos ladrões, para esconder os cabelos dourados, o menino fez uma espécie de chapéu com a bexiga de uma vaca cobrindo todo o cabelo. As pessoas zombavam dele quando cruzavam com ele na rua. Parecia que, mesmo jovem, ele não tinha cabelo. Essas pessoas não eram boas, faziam *bullying* com o menino. Ao sair pelo mundo, o menino careca encontrou um rei cego e sua filha princesa e foi trabalhar para eles como jardineiro. O rei ficou cego porque foi enfeitiçado por uma bruxa e o remédio para curar sua cegueira era o leite do pássaro-azul, o qual morava em um castelo encantado do Reino do Entrou-Ficou. Para voltar a enxergar o rei teve a ideia de oferecer a mão de sua filha em casamento para quem lhe trouxesse a cura. A princesa era uma pessoa simples, que não colocava o dinheiro como a coisa principal da vida. Ela era boa, ficou com pena do jardineiro quando viu, espiando no quarto dele, que ele sofria. O rei não era uma boa pessoa, ele pensava nele primeiro e não na filha. Não se importava quem seria o marido da filha, se seria bom para ela, ele queria era voltar a enxergar. O jardineiro se ofereceu para ir atrás do leite do pássaro-azul, assim como os príncipes e heróis, mas todos riram dele. Eles reagiram dessa forma porque o menino careca era apenas um jardineiro, sem cavalo e sem espada. Não tinha riquezas para ser o marido da princesa. Os príncipes e heróis não encontraram o leite do pássaro-azul e armaram um plano para enganar o rei: levaram para ele leite de vaca e disseram que o adivinho que disse ao rei que o leite era o antídoto estava mentindo. Exigiriam ainda que a princesa se casasse com um deles. Exigiriam ainda que a princesa se casasse com um deles. O plano dos cavaleiros não foi bem sucedido porque o leite da vaca não curou a cegueira do rei, foi o leite trazido pelo menino careca que curou o rei, porque era o verdadeiro. A princesa então se casou com o menino careca que revelou toda sua história. Os príncipes e heróis armaram um plano para enganar o rei porque queriam se aproveitar da situação. Eles não eram pessoas honestas. O menino careca mesmo ao final se casando com a princesa e revendo os pais ficou triste por não encontrar a mulher dourada pois se arrependia do que fez para ela. Ele traiu sua confiança porque foi curioso. Porém, Ser curioso nem sempre é ruim, a curiosidade pode levar as pessoas a terem atitudes boas, a terem coragem para fazer coisas boas. O texto A mulher dourada e o menino careca trata da curiosidade, da transgressão humana e suas consequências. Trata também do *bullying* que as pessoas sofrem porque são diferentes e sobre o fato da riqueza material não trazer

a felicidade; a família, o perdão, a simplicidade, a coragem e a consciência tranquila podem trazer mais felicidade.

Fonte: as autoras

4. Considerações finais

Neste artigo, apresentamos uma proposta de intervenção didática para o ensino da leitura no contexto de biblioteca, destinada às crianças de 10 a 12 anos de idade. Para tanto, sustentamo-nos na perspectiva dialógica da linguagem calcada nos preceitos do Círculo de Bakhtin, no entendimento de que a leitura é uma arena de conflitos em que autor e leitor por meio do texto dialogam e os sentidos são construídos. Também nos fundamentamos na metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura (MENEGASSI, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2017; 2018), tendo como eixo organizador o gênero conto maravilhoso.

Nossa premissa é a de que em um processo sistematizado por etapas, o leitor pode tomar o fios do bordado e a ele entrelaçar novos fios para a construção de um mesmo e novo bordado (GERALDI, 1991), assim desenvolvendo sua criticidade. Essa é uma proposta em que as práticas da leitura e da produção textual estão interligadas.

Esperamos com a apresentação dessa proposta contribuir com orientadores de atividades que atuam em bibliotecas, os quais ao tecer adaptações a este material diante de seus contextos específicos, possam colaborar para que as bibliotecas continuem sendo importante espaço de incentivo à leitura, ampliando-se para um lugar de formação de leitores.

Notas

* Doutora em Estudos da Linguagem. Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

*** Doutora em Estudos da Linguagem. Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

¹ Um orientador de atividade é a denominação dada pelas bibliotecas públicas que integram uma rede de instituição paraestatal brasileira, de atuação em âmbito nacional aos responsáveis em realizar leitura de livros infantis para crianças; promover sugestões de leituras e controle de empréstimo de obras do acervo; organizar exposições literárias, cursos, palestras e realizar cadastro dos frequentadores. Neste trabalho, empregados a todos aqueles que atuam nessa mesma função nas bibliotecas públicas, sejam ligadas ao poder público ou privado.

² Círculo de Bakhtin é uma denominação instituída a um grupo de estudiosos que tem Bakhtin como expoente, assim como Volochinov, entre outros e que realizaram estudos sob uma perspectiva dialógica da linguagem.

Referências

AULETE. Disponível em: <http://aulete.com.br/biblioteca>. Acesso em: 24 set. 2020.

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAKHTIN, Michail. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

FUZA, Angela Francine; MENEGASSI, Renilson José. Ordenação e sequenciação de perguntas na leitura do gênero discursivo panfleto institucional. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 06, n. 01, p. 259-286, jan./jun. 2017.

FUZA, Angela Francine; MENEGASSI, Renilson José. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura no gênero poema. In: BARROS, Eliane Merlin Deganutti de; STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos; STORTO, Leticia Jovelina (Orgs.). **Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa**. Campinas-SP: Pontes, 2018, p. 17-42.

GERALDI, José Wanderlei. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEFFA, Vilson José. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1999.

MENEGASSI, Renilson José. Perguntas de leitura. In: MENEGASSI, Renilson José (Org.). **Leitura e ensino**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 167-189.

MENEGASSI, Renilson José. Produção, ordenação e sequenciação de perguntas na avaliação de leitura. In: CENTURION, Rejane; CRUZ, M.; BATISTA, Isaías Muniz (Orgs.). **Linguagem e(m) interação**: línguas, literaturas e educação. Cáceres-MT: Ed. Unemat, 2011, p. 17-35.

MENEGASSI, Renilson José; ANGELO, Cristiane Pianaro. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, Renilson José. **Leitura e ensino**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2010, p. 15-40.

SENE, Aline Regine Lemes de. **O gênero textual conto maravilhoso**: uma proposta de intervenção didática para o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2019.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.